

A felicidade que sonhamos nos outros

Texto Paulo Faria

110

Uma vez, há muitos anos, li algures que um aristocrata francês do século XVIII se suicidou e deixou um bilhete: «Demasiados botões para abotoar e desabotoar.» Na altura, achei piada à história, o suficiente para não mais a esquecer.

Pois bem, de todos os botões que rotineiramente temos de abotoar e desabotoar, o Natal é, sem dúvida, o mais difícil, o mais desgastante, um dos que mais contribuem para minar os nossos frágeis alicerces. Durante muito tempo, desde que me lembro, a rotina natalícia foi assim: a Consoada era em casa da minha mãe, com o núcleo duro dos quatro irmãos nascidos do casamento dos meus pais, mais os cônjuges e os filhos. O almoço do dia 25 de Dezembro era em casa dos sogros de cada um. O jantar do dia 25 era nos Olivais, em casa do meu pai e da minha madrastra, a Manuela, onde se reuniam de novo os quatro irmãos, mais o filho do meu pai e da Manuela, mais as filhas do primeiro casamento da Manuela, mais os cônjuges e os filhos de toda esta gente.

Sempre me pareceu que a minha mãe não gostava do Natal. Quinze dias antes, dizia-me ao telefone: «Bem, lá vou ter de encomendar o bacalhau com natas e o peru no restaurante do costume. O que é que achas, duas travessas de bacalhau chegam? E a Amália, pode ir comigo na manhã do dia 24, quando eu for buscar a comida? Depois pergunta-lhe, sim? Ai, que falta de pachorra...» Em certos anos, ia um pouco mais longe e soltava: «Ai, que inferno...» A antevisão do incómodo das pilhas de loiça suja a atravancarem a cozinha sobrepunha-se à perspectiva agradável de ver os filhos e os netos reunidos em sua casa, ensombrando-a. A verdade é que o divórcio do meu pai, tantos anos antes, azedara os mais ínfimos recantos da vida dela, em especial as ocasiões festivas. O Natal era um dia como os outros, isto é, uma coisa que ela queria que passasse depressa. Era-lhe muito fácil prever as dificuldades, os escolhos, o cansaço. Tinha muita relutância em imaginar-se alegre.

A Manuela detestava figadalmente o Natal, não se esforçando, sequer, por disfarçar. Éramos demasiado numerosos, comíamos demasiado, representávamos um valente rombo no exíguo orçamento mensal que o meu pai lhe disponibilizava para o governo da casa e que, mesmo na quadra festiva, se recusava a aumentar. Como não havia nos Olivais uma mesa suficientemente grande para alojar em simultâneo aquelas dezenas de pessoas, o jantar tinha de ser volante, e havia sempre alguém, criança ou adulto, que deixava cair comida na alcatifa ou num sofá, que entornava com espalhafato um copo de sumo ou de vinho. As nódoas perpetuavam-se de ano para ano, inamovíveis (o meu pai estava-se nas tintas, a Manuela fazia gala em não as lavar), só aos poucos as víamos esbaterem-se nos estofos. A Manuela memorizava a respectiva genealogia e fazia questão de a recitar em voz alta: «Essa nódoa foi a Rosário que a pôs aí, há três anos.» Parecia a anciã de uma tribo índia, portadora da memória oral de pequenos agravos, sacrilégios imperdoáveis.

A única pessoa que se divertia genuinamente no Natal, à parte as crianças de tenra idade, ainda distraídas das canalhices do mundo, era o meu pai. Desferrava-se naquela quadra da sua infância austera e sem alegria. Começava a fazer as compras em Agosto ou Setembro. Construíra no computador uma folha Excel e preenchia-a obsessivamente, requisitando o auxílio da Manuela, que bufava de raiva. Inscrevia nas sucessivas quadrículas a designação e o preço dos presentes destinados a cada um dos inúmeros contemplados, para que os totais parciais se equivalessem ao cêntimo, ou quase, e não houvesse injustiças. A quantia que ele despendia com cada pessoa, fosse filho, enteada, neto, filho de enteada, genro ou nora, era obscena, só ao alcance de um professor catedrático no topo da carreira. E é claro que ele estabelecia para as crianças um valor bem mais elevado do que para os adultos. No dia 25, ao final da tarde, à medida que íamos chegando aos Olivais, vindos das casas dos sogros de cada um, o meu



pai, com um ar deliciado, punha-se a deambular pelas divisões do apartamento apinhado de gente e chamava discretamente uma criança ao seu escritório: «Olha, Rita, chega aqui, que eu tenho uma surpresa.» Os netos já conheciam o ritual e seguiam-no, zonzos de antegoço.

Chegados ao escritório, ele encostava a porta, como se tudo aquilo fosse um grande segredo, tirava do roupeiro um embrulho, quase sempre enorme, e dizia: «É para ti. Podes abrir.» E o garoto ou garota rasgava ruidosamente o papel de embrulho e fazia aquele ar estupefacto das crianças, para quem o mundo é ainda uma surpresa permanente e os botões se abotoam e desabotoam sempre pela primeira vez, e saía a correr com o presente nas mãos, para o mostrar aos irmãos e aos primos, num burburinho de embriaguez colectiva. Ao fim de uns cinco ou dez minutos, assim que o frenesi serenava ligeiramente, o meu pai chamava em voz baixa outra das crianças presentes, de modo totalmente aleatório, indiferente às idades ou às procedências: «Chega aqui...» E a cerimónia da visita àquela caverna de Ali-Babá repetia-se três ou quatro vezes para cada garoto, e o corrupio prolongava-se por todo o serão, como se o roupeiro do escritório do meu pai contivesse uma provisão infindável de tesouros. Ao final da noite, cada neto estava rodeado por uma

pilha colossal de presentes, sem saber ao certo a qual se agarrar. Os olhos do meu pai brilhavam de gozo infantil, como se ele se divertisse ainda mais do que os próprios miúdos. E, apesar de aquela orgia de presentes nos incomodar («Onde é que vamos meter tanta porcaria? Será que vai caber tudo no carro? Mas que exagero, que desperdício absurdo!»), aquele ritual continha laivos de coisa mágica, e o Natal, só por causa daquilo, valia a pena.

O meu pai, um homem torturado, insuportável, era genuinamente feliz durante aquelas cinco ou seis horas do dia 25 de Dezembro. E nós, os filhos e as enteadas dele, pessoas torturadas, insuportáveis, sentíamos-nos aliviados e felizes, talvez, durante aquelas cinco ou seis horas. Ruy Belo escreve que «a felicidade para nós possível é sempre a que sonhamos que há nos outros». E isto é bem capaz de ser especialmente verdade no Natal.

Depois de o meu pai morrer, houve dois ou três Natais esgotantes, mais esgotantes do que o habitual, em que, já sem grande empenho, macaqueámos a rotina de outra. Já não restavam, praticamente, crianças, os filhos tinham crescido, eram agora adolescentes ou jovens adultos, alguns já casados ou amigados, como se dizia dantes. Procuraram entre nós, os membros da geração imediatamente anterior, alguém que preenchesse a vaga do meu

O meu pai, um homem torturado, insuportável, era genuinamente feliz durante aquelas cinco ou seis horas do dia 25 de Dezembro.



pai, o portador do facho do Natal, alguém que se deleitasse daquela maneira pueril, alguém capaz de se redimir, no serão do dia 25 de Dezembro, da mesquinhez e da maldade do resto do ano, do resto da vida. Nós próprios, os irmãos, procurámos essa pessoa nas nossas fileiras. A candidata mais óbvia, a única, aliás, era a Clara, a minha irmã mais velha, sempre pressurosa a organizar, a arregimentar, a providenciar para que tudo corresse bem. Mas faltava-lhe a naturalidade, essa coisa impossível de simular. Parecia uma malabarista compenetrada, que não quer deixar cair nenhuma bola, em cujos gestos transparece uma enorme tensão, como se o mais pequeno movimento em falso pudesse acarretar catástrofes indizíveis. E este cataclismo obscuro sempre à espreita impede os membros da assistência de fruírem do prazer do espectáculo, deixa toda a gente exausta e angustiada. Não nos era possível, por muito que nos esforçássemos, projectar nela a mesma condescendência, o mesmo deleite por procuração («ao menos, o meu pai divertiu-se») de antigamente.

Ficou à vista de todos, agora sem atenuantes, a fadiga do Natal. Demasiados botões para abotoar e desabotoar. À medida que envelhecemos, convencemo-nos de que, nos anos que ficaram para trás, já pagamos um certo tributo às boas maneiras e às conveniências. Dizemos a nós mesmos que, se é que havia dívidas, estão agora definitivamente saldadas. Sentimo-nos a enfraquecer, sabemos

que já não somos invencíveis, temos de nos poupar. Uma Consoada tensa ou apenas enfadonha, cheia de silêncios forçados, cobra um tributo emocional que já não estamos dispostos a pagar. Tornamo-nos avaros das nossas efusões, das nossas alegrias, até das nossas palavras. Percebemos que a maior parte das pessoas não presta atenção ao que dizemos. Tornamo-nos muito avaros do nosso tempo. A partir de uma certa idade, sentimos uma dor física permanente. Nas costas, no pescoço, ou então num joelho, na clavícula que fracturámos há muitos anos. Pas-

samos o tempo a sonhar com um génio da lâmpada a quem dizemos: «O meu primeiro desejo é recuperar o meu corpo dos trinta anos.» Passamos o tempo entretidos com a nossa dor, a medi-la, a fugir-lhe, a fintá-la. Isto exige uma grande concentração. Todo o ruído nos perturba, nos distrai. As vozes daqueles que não per-

tencem ao círculo mais íntimo, o cônjuge, os filhos, convertem-se em ruído. O que antes era pitoresco torna-se penoso. Não queremos testemunhar a erosão dos casamentos alheios, não queremos assistir na primeira fila às quezílias conjugais ou às discussões entre pais e filhos, a que o Natal confere cambiantes de especial dramatismo, de comicidade amarga. Vemo-nos ao espelho nos outros e assustamo-nos. Não queremos saber. E apavoram-nos as repetições, o chover no molhado, as séries de acontecimentos análogos, que sabemos agora não serem infinitas. Há demasiados botões para abotoar e desabotoar, mas, ao mesmo tempo, invade-nos a impressão

**Ver alguém feliz é talvez a única
forma de felicidade a que
temos acesso.**

sombria de uma contagem decrescente. Há cinco anos, convenci a Amália e as minhas filhas a passarmos o Natal no estrangeiro. Não foi preciso insistir muito para as convencer. Em seguida, anunciei ao resto da família esta decisão. A Clara ficou muito abalada, acho que ainda não me perdoou. Os outros encolheram os ombros, disseram: «Fazes bem.» A minha mãe disse-me: «Excelente ideia. Para o ano que vem, sou capaz de fazer o mesmo.» Partimos para França, quase à aventura. Na noite da Consoada, jantámos num enorme restaurante chinês com buffet, nos subúrbios de Bordéus. Estava a abarrotar. Nas Landes, no sopé dos Pirenéus, travámos amizade por mero acaso com um casal de sexagenários que moravam numa aldeia. Convidaram-nos a ficar alguns dias em casa deles, antes do regresso a Portugal. A casa encontrava-se ainda repleta das decorações natalícias. O homem disse-nos que acreditava no Pai Natal. Julgámos que fosse brincadeira, depois percebemos que ele falava muito a sério. Contou-nos que já visitara com o neto a Aldeia do Pai Natal, na Lapónia. Tinha na parede uma enorme fotografia emoldurada, tirada durante a audiência com o Pai Natal. Mostrou-nos as cartas que lhe escrevia todos os anos, a manifestar desejos, a pedir presentes, mostrou-nos as respostas que ia recebendo pontualmente, em papel timbrado da Aldeia do Pai Natal.

Enquanto nos dava a conhecer todos os recantos da propriedade, relatou-nos, deliciado: «Na Consoada, à meia-noite, saio de casa pé ante pé, sem que me vejam, visto-me de Pai Natal no barracão, acolá, às escondidas, dou a volta e vou acender a fogueira ali, ao fundo daquele campo. Nesta terra há essa tradição, todas as famílias

acendem uma fogueira nas traseiras da casa, cada qual quer que a sua fogueira seja a maior, que se veja de mais longe. O meu neto espreita pela janela da sala e, quando me vê, com as minhas barbas postiças e o meu fato vermelho, grita: “Olha, avô! Olha, mãe! Está ali o Pai Natal, a acender a nossa fogueira!” Depois sigo por este carreiro, no escuro, dou uma grande volta pelos campos, para não ser visto, regresso ao barracão, troco de roupa, escondo o disfarce de Pai Natal, torno a entrar em casa, e o meu neto vem a correr e diz-me: “Avô! Avô! O Pai Natal veio acender a fogueira e tu não o viste!”» Naquele ano, como de costume, tudo se passara assim, escassos dias antes. Aquele homem comoveu-se ao contar-nos isto. Comoveu-se ao dizer que, um dia, o neto iria perceber a verdade. Aquele homem acreditava convictamente no Pai Natal e, no entanto, disfarçava-se de Pai Natal para encantar o neto. E, com uma incrível pureza de alma, não parecia sensível à contradição insanável contida nestes gestos. Era um malabarista que conseguia manter todas as bolas simultaneamente no ar, com uma naturalidade e uma alegria tocantes. Reconciliou-nos um pouco com o Natal, reconciliou-nos um pouco connosco mesmos.

Ver alguém feliz é talvez a única forma de felicidade a que temos acesso. É talvez a forma suprema de cumplicidade, de contágio benigno. Voltámos para Portugal, retomámos a nossa vida, continuámos a abotoar e a desabotoar botões. Nunca mais passámos o Natal com a minha mãe, com os meus irmãos, com os meus sobrinhos. Criámos uma nova rotina sobre as cinzas da anterior. Aquele casal de sexagenários franceses, mais o filho, a nora e o neto, passaram a ser a nossa família natalícia de adopção. ●●

Pub

The advertisement for Beira Lacté features a central logo with the text "beira lacté" in a stylized font, with "Lacticínios Artesanais Beira Baixa" written above "lacté". To the left of the logo are two award medals: one for "1.º LUGAR NA CATEGORIA DE QUEIJO DE OVELHA NA FEIRA de INOVAÇÃO AGRÍCOLA do FUNDÃO" and another for "1.º LUGAR NA CATEGORIA DE QUEIJO DE CABRA NA FEIRA de INOVAÇÃO AGRÍCOLA do FUNDÃO". Above the logo is a row of six circular images showing the product packaging on decorative plates, with two gold medals below them. To the right of the logo is a vertical column of four similar circular images. At the bottom right, there is a QR code with the text "Ver filme" above it. At the very bottom, the text reads "Lacticínios da Beira Baixa Lda. Alcaria - Fundão | Portugal (+351): 275 776 023 | beiralacte.pt".